

PRIMEIRO DIA

Morri hoje de manhã¹. Logo depois de morrer, vi-me, com gabardina e pasta, numa espécie de elevador. Esse elevador conduziu-me à Estação da Morte, onde, debaixo da Luz da Verdade, que não permite engano, encontrei o meu anjo-da-guarda Ângelo. Ele guiou-me nos meus encontros com almas, anjos e demónios, sempre perante uma escolha final decisiva: dois comboios parados, numa linha única, virados em direções opostas, com um túnel em frente de cada um. Ambos tinham escrito na locomotiva o seu destino. E ambos diziam: «Céu».

Não foi difícil descobrir que o comboio certo era o que se dirigia para a direita, onde a rocha parecia fendida a toda a altura, por uma fresta quase vertical. Na base dessa racha, mesmo em cima da linha, havia a pequena abertura por onde o comboio deveria conseguir passar, através de uma cascata de sangue e água.

Após a celebração da Vigília Pascal na Basílica do Santo Sepulcro, que se encontrava misteriosamente embutida na rocha desse lado da estação, cheguei a hora da partida. Despedi-me de Ângelo, que assim terminava a missão de guardião que começara no dia do meu Batismo, e entrei na carruagem onde estava escrito: «Bem-aventurados os pobres em espírito, porque deles é o reino dos Céus» (Mt 5, 3). Nesse momento, na Terra, dei o último suspiro.

«Houve uma tarde, houve uma manhã. Foi o primeiro dia» (Gn 1, 5).

¹ Ver Neves, J. C. (2003), *Crónicas do Céu – O Primeiro Dia*, Cascais, Lucerna, segunda edição, 2023.

SEGUNDO DIA

Morri ontem de manhã. Assim que entrei no comboio reparei que a minha roupa tinha repentinamente sido substituída por uma túnica branca, igual às que todos usavam ali dentro. Não só fora preciso abandonar toda a bagagem para poder entrar no comboio, o que todos, melhor ou pior, acabámos por fazer, mas a própria indumentária mudou. Deixei de ter a minha gabardina e o resto da roupa e até perdi os óculos escuros. A única coisa que tinha comigo, tal como todos os outros, era uma túnica branca e sandálias. Até a cruzinha de ouro que tivera ao pescoço todos os instantes desde a infância desaparecera. Ia para o Purgatório apenas com uma túnica branca.

I

TÚNEL

Entrando na carruagem, notei que as pessoas só ocupavam os lugares junto às janelas dos dois lados, deixando vazios os bancos junto à coxia. Os hábitos da Terra permanecem, até aqui. Achei curioso, mas decidi fazer como todos e sentei-me na janela do lado esquerdo, mais ou menos a meio da carruagem.

Logo que me acomodei, o comboio começou o andamento e penetrou no túnel. Como não havia iluminação, nem dentro nem fora da carruagem, ficámos nas mais profundas trevas. E em silêncio. Havia muito em que pensar.

Misericórdia

Estava bastante perturbado com tudo o que tinha acontecido. Mas aquilo que me dominou, quase com uma erupção física, era uma certeza: estava salvo! Pela primeira vez na minha vida não havia tentações, não havia pecados, não havia dúvidas. Eu ia no comboio com destino ao Céu e era bem-aventurado.

Recostei-me no banco e saboreei essa sensação maravilhosa. Estava salvo! Ou, melhor, tinha sido salvo. Apesar de todos os meus pecados, de todas as minhas dúvidas, de todas as minhas tolices, Jesus salvou-me! Eu sabia que o caminho ainda seria longo, e teria certamente muitos sofrimentos nas terríveis penas do Purgatório. Mas a incerteza acabara. Eu era uma das «benditas almas do Purgatório» que, mais cedo ou mais tarde, haveriam de entrar na felicidade plena e perpétua. Isso enchia-me de profunda alegria.

Só havia uma sombra nesse júbilo: sentia a falta do Ângelo. Desapareceram os perigos, mas também desaparecera o defensor que sempre me acompanhara durante a minha existência. Pela primeira vez na vida, desde o Batismo em bebé, estava sem anjo-da-guarda. Como seria viver sem ele?

Só depois de morrer tinha compreendido bem como essa presença permanente e vigilante tinha sido decisiva para mim, mesmo quando tantas vezes não dera por ela. Todos os dias rezara ao anjo-da-guarda, e muitas vezes lhe agradecera intervenções evidentes e decisivas. Sentira-me sempre muito acompanhado pela mão de Deus no dia-a-dia. Mas, mesmo assim, dera-lhe muito menos atenção do que devia. Eu, como todos, sou um projeto de Deus. Eu estive encarregue desse projeto, o que era um enorme risco que Deus correria. Mas, além de confiar em mim, o Senhor tinha tomado uma precaução decisiva para que as coisas corresse o melhor possível. Ângelo fora essa precaução. Eu detinha o controlo da minha vida, mas Ângelo era a segurança a que devia recorrer para que as coisas corresse como deviam. Agora entendia isso em pleno. E, logo que o entendera, ele desaparecera. Pela primeira vez na vida estava realmente sozinho. Mas a felicidade de me saber salvo dominava-me completamente.

Como alma separada, era ali mais evidente que nunca a Providência divina. Naquele comboio, certamente a caminho do Purgatório, era patente como Deus governa todas as coisas pessoalmente. Os anjos são apenas um instrumento dessa Providência. Mas Deus nunca está longe. Ele está no meio de nós! E isso encheu-me de contentamento.

Junto com a alegria imensa vinha também um profundo sentido de injustiça. Eu não merecia aquilo. Desde que entrara na estação, debaixo da Luz estonteante, vira como os meus pecados eram gritantes. Eu não merecia, de todo, estar ali. Com base na minha vida na Terra,

a condenação eterna seria a única conclusão lógica. É verdade que não tinha cometido horrores inomináveis nem crimes repelentes; mas a minha vidinha medíocre nunca seria suficiente para me permitir participar no Reino dos Santos, no amor pleno da glória eterna. E, no entanto, ali estava eu.

Confortou-me então, como tantas outras vezes no mundo, uma das minhas frases favoritas, dita por São Bernardo²: «Todo o meu mérito está na misericórdia do Senhor. Nunca serei pobre de méritos enquanto Ele for rico de misericórdia»³. Eu não mereço ser salvo, mas a misericórdia de Deus é mais poderosa que os meus pecados. Foi essa misericórdia que me criou, me acompanhou todos os dias, e me permitiu fazer tudo aquilo que de bem e bom eu fiz no mundo. Mesmo pouco. Fora a mesma misericórdia que, apesar das hesitações e confusões, me conduzira àquele banco no comboio que ia para o Céu. Por isso a minha gratidão superou a minha alegria.

Ele é o único assunto, bendito seja para sempre! Mesmo olhando para a minha vida, aquilo que valia a pena notar era, não eu, mas Ele. O Senhor, por razões desconhecidas, tinha decidido criar-me. Mas em mim só Ele interessa. Por razões ainda mais misteriosas, amou-me desde o seio materno, bendito seja o seu nome para sempre! Esse era o único elemento real da minha vida. Só Deus interessa! Só Deus é!

Então fiz como tantas vezes fizera ao longo da vida na Terra e repeti interiormente o supremo cântico da alegria e da gratidão, o *Magnificat* de Nossa Senhora: «A minha alma glorifica o Senhor e o meu espírito se alegra em Deus, meu Salvador. Porque pôs os olhos na humildade da sua serva. De hoje em diante me chamarão bem-aventurada todas as gerações. O Todo-Poderoso fez em mim maravilhas. Santo é o seu nome. A sua misericórdia se estende de geração em geração sobre aqueles que O temem. Manifestou o poder do seu braço e dispersou os soberbos. Derrubou os poderosos de seus tronos e exaltou

² Bernardo de Claraval (1090-1153), monge cisterciense e doutor da Igreja, é a grande figura do renascimento beneditino do século XII. Entrando com 30 amigos em 1113 na recém-criada (1098) abadia de Cister, foi enviado em 1115 a fundar um novo mosteiro em Claraval, onde foi abade até 1128 e onde viveu até à morte. Teve uma enorme influência no seu tempo pelos seus milagres, sermões e escritos, que permanecem das maiores obras de espiritualidade da humanidade.

³ Cf. São Bernardo, *Sermo 61 In Cantica* 5.

os humildes. Aos famintos encheu de bens e aos ricos despediu de mãos vazias. Acolheu Israel seu servo, lembrado da sua misericórdia, como tinha prometido a nossos pais, a Abraão e à sua descendência para sempre» (Lc 1, 46-55).

O cântico não falava de mim. Falava de Deus e falava d'Ela. Mas a única coisa que me alegrava era precisamente aquilo que a Senhora referia no cântico. Aquilo que tinha valor na minha vida, aquilo que eu queria agradecer, aquilo que me salvava, era a mesma razão por que Maria glorificava o Senhor. Por isso, como tantas vezes no mundo, este cântico expressava perfeitamente a minha alegria e gratidão. Mas nunca tanto como naquele banco de comboio, a caminho de Deus. A caminho de Maria.

Maria

A segunda sensação, depois da alegria da salvação, foi a recordação da visão que tinha tido da Rainha do Céu durante a Ladainha da Vigília⁴. Quando o celebrante disse «Santa Maria, Mãe de Deus, rogai por nós», os Céus rasgaram-se e eu vi, no mais alto dos Céus, Nossa Senhora a rezar a Deus por mim e por todos. Não via a Deus, mas essa visão foi tão encantadora, a figura era tão maravilhosa, de uma beleza tão sublime, que eu já não consegui ver mais nada na Corte Celeste. Passei toda a ladainha com os olhos cravados na minha Mãe, na nossa Mãe, na Mãe de Deus, na Imaculada Conceição, na Padroeira e Rainha de Portugal, na Senhora de Fátima. Tudo o resto se esfumou. Já não vi mais nada. Aqueles momentos tinham-me enchido a alma. E depois delicieei-me nessa recordação.

Eu estava morto há um dia, mas ainda não vira Deus, Pai, Filho e Espírito Santo. E sabia que não iria vê-l'O tão cedo, pois sabia que quando O visse estaria no Céu, na felicidade perfeita⁵. Assim, a visão de Nossa Senhora era o mais parecido com isso que ali me fora permitido ter. Tinha ficado com os olhos cravados na figura da Senhora, no alto do Céu, a rezar, e essa visão ainda me enchia a alma.

⁴ *O Primeiro Dia*, op. cit. Capítulo XIX.

⁵ «A última e perfeita bem-aventurança não pode estar senão na visão da essência divina» – São Tomás de Aquino, *Suma Teológica*, I-II 3, 8.